

MISSÃO É COMPARTILHAR A TERNURA RECONCILIADORA DE DEUS

São Junípero Serra, missionário incansável

Elisa Silva Sánchez

elisasilva63@gmail.com

RESUMO: *Ao resgatar a vida de São Junípero Serra (1713-1784), missionário incansável que deixou uma marca na história da evangelização no México e nos Estados Unidos, queremos percorrer seu itinerário nas terras de Querétaro (México) e Califórnia, mesmo que isso envolva algumas ambivalências e contradições. Queremos fazer a tentativa de reflexão sobre os desafios pastorais e missionários nos mesmos lugares que ele evangelizava, que nos chamam a agir urgentemente, através do clamor de tantos irmãos/as migrantes que sofrem na passagem por estas terras. De uma maneira especial, percebemos que a estrada missionária que São Junípero fez há dois séculos e meio, é a mesma rota que hoje, milhares de mexicanos e centro-americanos, fazem cada dia.*

ABSTRACT: *Rescuing the life of St. Junipero Serra (1713-1784), an indefatigable missionary who has made a mark in the history of evangelization in Mexico and the United States, we want to follow his itinerary in the lands of Queretaro (Mexico) and California, even if this involves some ambivalence and contradictions. We want to make an attempt to reflect on pastoral and missionary challenges in the same places that he evangelized, which call us to act urgently, through the cry of so many migrants who suffer in the passage through these lands. In a special way, we realize that the missionary road that Saint Junipero did two and a half centuries ago is the same route that today, thousands of Mexicans and Central Americans, do every day.*

Quantos missionários como São Junípero encontram nossos irmãos migrantes ao longo da estrada que leva para o norte? Ou, como dizemos no México, para o outro lado? como estamos respondendo em nível de Igreja ou congregação a esta crise humanitária que nosso país vive hoje e tantos outros países da América

Latina? Temos tantas questões abertas e tanta impotência diante desse drama. Entretanto, vemos que a figura deste grande missionário continua sendo um modelo atual para tantos discípulos e missionários de Jesus que lutam pelos direitos e pela dignidade dos mais pobres da terra.

*Junípero procurou defender a dignidade da comunidade nativa, protegendo-a daqueles que abusaram dela.
Abusos que hoje nos seguem provocando desagrado, especialmente pela dor que causam na vida de muitos.
Ele tinha um lema que inspirou seus passos e moldou sua vida: soube dizer, mas especialmente soube viver dizendo: sempre adiante.
Esta foi a forma que Junípero encontrou para viver a alegria do Evangelho, para que não se lhe anestesiara o coração.
Foi sempre à adiante, porque o Senhor espera; sempre adiante, porque o irmão espera; sempre adiante, por tudo que ainda tinha que viver; estava sempre adiante.
Que, como ele ontem, hoje nós podamos dizer: “sempre adiante”.*
(Homilia do Papa Francisco, em Washington D.C., 23 set. 2015)

I. UMA HISTÓRIA ESQUECIDA

São Junípero Serra foi um missionário levado por dois amores: o amor do Evangelho e o amor dos habitantes de nossas terras mexicanas.

Esta história missionária é pouco conhecida, mesmo em nossas escolas e na história de nossa nação, é uma missão escrita no coração daqueles que não escrevem a história oficial, mas que a deixam no coração de seus filhos por gerações. Gerações que tem recebido uma fé por meio desses primeiros missionários auidazes, uma fé vivida e ensinada a seus filhos. Um legado espiritual e evangélico digno de proclamar.

Durante séculos se conhecia na Europa uma aventura ame-

ricana que se resumia à vida dos migrantes europeus: espanhóis, portugueses, ingleses, irlandeses, católicos ou protestantes. No entanto, há uma história missionária católica pouco conhecida que começa na Espanha, chega ao México (a Nova Espanha) e continua pela rota pacífica para a Baixa e Alta Califórnia, realizada através da fundação de diferentes missões e da evangelização, sobretudo de comunidades indígenas. Frei Junípero Serra, um missionário cujo trabalho e devoção o levou a trabalhar na Serra Gorda do Estado de Querétaro e no Altiplano da Alta Califórnia, viveu uma parte importante desta história.

Com uma participação massiva dos fiéis, o Papa Francisco canonizou esse franciscano em 23 de setembro de 2015 no Santuário Nacional da Imaculada Conceição, em Washington. Junípero é considerado o primeiro santo hispânico dos Estados Unidos, no país no qual, dentro de alguns anos, metade da população será de origem hispânica.

“Com sua vida e obra, ele nos ajudou a entender por que quis compartilhar conosco um pedaço do céu através de seus esforços de evangelização”, disse dom Francis J. Weber, chefe da Apostolado histórica do Centro de Arquivos da Missão de São Fernando para a Arquidiocese de Los Angeles.

Em uma celebração do papa Francisco com o Pontifício Colégio Norte-americano, em 2 de maio de 2015, destacou três características fundamentais da espiritualidade de nosso santo franciscano:

1. Seu ardor missionário, que o levou a deixar tudo para Jesus, para adorá-lo, para segui-lo, para encontrá-lo no rosto dos pobres, para comunicá-lo naqueles que não tem conhecido a Cristo e, por isso, não se sentem acolhidos por sua misericórdia

2. Sua devoção a Maria sob a invocação de Nossa Senhora de Guadalupe, presente em cada uma das 21 missões por ele fundadas no litoral californiano, e que constituem atualmente a raiz comum do continente americano: “Sabemos que antes de voltar para a Califórnia quis consagrar sua vida a Nossa Senhora de Gua-

dalupe e pedir-lhe, para a missão que estava por começar, a graça de abrir os corações dos colonizadores e dos povos indígenas”.

3. Seu testemunho de santidade, que na vida dele foi consolidando cada vez mais a própria pertença a Cristo e a Igreja.

II. A URGÊNCIA DO EVANGELHO: “SEMPRE ADIANTE”

Fundação das Missões em Querétaro

Junípero era um grande homem, com uma ideologia distinta de muitos habitantes da Nova Espanha, porque tratava os nativos como irmãos, aproximando-os assim de Deus e de sua adoração, além de ter aprendido as línguas locais e jamais usar a força como meio. Chegou ao México pelo mar após 99 dias sem escalas, chegou ao porto de Veracruz e caminhou até a Cidade do México. Essa andança lhe causou ferimentos graves na perna esquerda e o fez mancar até o final de seus dias.

Ficou na Cidade do México por alguns meses. Após um tempo, ele se ofereceu para ir como missionário para a Serra Gorda de Querétaro para trabalhar nas missões franciscanas e erguer algumas outras.

Durante os anos em que assumiu as missões, este baixinho e incansável franciscano percorreu 4.500 quilômetros, quase sempre a pé, sempre coxo, sempre em nome de Deus, que veio salvar todos os homens, sem exceção.

Caminhando também, com seu amigo e companheiro Padre Francisco Palou, chegaram à Serra Gorda, onde viviam os índios Pames. Era uma área quente e insalubre, onde permaneceu por nove anos.

Há que ter presente que os missionários, como Junípero Serra, Francisco Xavier, Eusebio Francisco Kino, Bartolomeu de las Casas, etc., tinham uma consciência profundada e aguda do tesouro que era para eles e para o mundo, o Evangelho, por isso viam a urgência para que Jesus e o Evangelho pudesse ser conhe-

cido, acolhido, amado e vivido. Não há dúvida de que para eles a missão era algo de vida ou morte.

As missões que São Junípero fundou, com este espírito missionário, no Estado de Querétaro foram:

Jalpan de Serra (A defesa da fé). A missão de Santiago de Jalpan, dedicada ao Apóstolo Thiago, foi construída entre os anos de 1751 e 1758 por Frei Junípero Serra. Foi a primeira das cinco missões a serem construídas nessa área e seu principal propósito foi, como o resto das missões, fortalecer a fé cristã.

Concá (A vitória da fé). A missão de São Miguel Concá, dedicada a São Miguel Arcanjo, é atribuída a Frei Antônio de Murguia. Sua construção começou no ano de 1754, três anos depois que a missão de Jalpan, no entanto, foi o primeiro a ser concluído. Este templo é o menor dos cinco construídos na Serra Gorda, mas provavelmente seja o mais misturado porque a ornamentação de grandes flores e folhagens, e áspero nas suas esculturas, mostra claramente a mão do artista Pamé na sua estrutura.

Tilaco (A fé ingênua). A missão de San Francisco del Valle de Tilaco, dedicada a São Francisco de Assis, foi construída entre os anos de 1754 e 1762, a construção esteve sob o comando de Frei Juan Crespi.

Tancoyol (A misericórdia). Atribuído a Frei Juan Ramos de Lora e dedicada a Nossa Senhora da Luz, esta missão foi construída entre anos 1761 e 1767. A população indígena encontra-se nas colunas interiores, onde há um jaguar e personagens de traços olmecas.

Landa (A cidade de Deus). O templo de Santa Maria del Agua de Landa, dedicada à Puríssima Conceição, talvez seja a mais belo e com mais bonito ornamento dos cinco da Serra Gorda. “Foi construído entre os anos de 1761 e 1764, edificado principalmente por Frei Miguel de la Campa”.

Assim, em Landa, a queda representada a cidade de Deus reunida em torno da Virgem para defender a Igreja. A conclusão

da Missão de Landa e o fim de sua construção marca o final da conquista espiritual da Serra Gorda.

Com isso, as missões deram nova vida a uma vasta região que tinha permanecido praticamente isolada por muitos anos. As missões, construídas em pontos estratégicos por Serra, mostram a generosa sensação de seus construtores, indígenas Pamés e dos frades franciscanos, nas fachadas dos templos, observa-se também que o trabalho foi pacífico e voluntário, razão pela qual quais estruturas são tão bonitas.

Alta Califórnia: missão e colonização

Na segunda metade do século XVIII, a coroa espanhola, traçou como um dos seus principais objetivos no continente americano, a colonização dos territórios da Alta Califórnia. Para iniciar a ocupação destes territórios partiu numa dupla direção, marítima e terrestre, comandada por Gaspar de Portola, em 1769. O ponto de partida foi a península da Baixa Califórnia, onde os jesuítas, já expulsos do Reino por decreto do Rei, tinham consolidado várias missões em meados do século XVII.

A direção da obra missionária na Alta Califórnia, em 1769, foi confiada a Frei Junípero Serra, que tinha desenvolvido com sucesso as missões da Serra Gorda queretana, como vimos anteriormente.

Os povos indígenas da Alta Califórnia estavam separados em diferentes povoados, falando línguas distintas, além de não estarem assentados nas mesmas áreas, ou seja, eram seminômades. Ao contrário dos astecas, maias, olmecas e outras culturas pré-hispânicas mesoamericanas, não desenvolveram uma civilização, razão pela qual constituíram sociedades muito primitivas.

“A companhia colonizadora e evangelizadora da Espanha na Alta Califórnia começou, no verão de 1769, com a chegada na atual cidade de San Diego, da expedição de Portolá. A esta expedição uniu-se frei Junípero, que fundou, em 16 de julho, daquele ano, a primeira das missões franciscanas no atual Estado da

Califórnia, a missão de São Diego de Alcalá. Em 3 de junho de 1770, Gaspar de Portolá tomava posse do porto de Monterrey em nome do rei Carlos III. No mesmo dia, Serra fundou a missão de São Carlos Borromeu. São Carlos tornou-se o principal centro de onde o padre Serra dirigiu-se, até sua morte em 1784, para as missões californianas”.¹

Em 1773 já existiam cinco missões assistidas por dezanove franciscanos e quase quinhentos batizados. Naquele ano, Frei Junípero teve que se mudar para a Cidade do México para se reunir com o vice-rei Bucareli e tentar resolver, através do diálogo os problemas que surgiram entre os missionários e os representantes do rei na Califórnia. No México, Serra conseguiu algo muito importante para o trabalho dos frades: que o governo, o controle e a educação dos batizados pertencia exclusivamente ao clero secular.

Serra é reconhecido por ter obtido uma *declaração de direitos dos povos indígenas*, onde se manifesta contra a exploração colonial e a violência. Documentos que evidenciam este resultado encontram-se na Missão de Santa Bárbara. Inclusive os historiadores críticos admitem que ele e seus colegas missionários eram protetores e defensores dos povos indígenas contra a exploração colonial e a violência.

No extremo norte da península, onde hoje fica a cidade de São Francisco, foi construído um presídio em setembro de 1776, justamente, ao pé da atual Ponte Golden Gate. Perto da fortificação, no centro da península mencionada, foi fundada a missão de **São Francisco de Assis**. Em 1793 foi concluída em definitivo a construção da missão.

Por outro lado, a cidade que atualmente constitui a maior população da Califórnia, **Los Angeles**, nasceu como um povoado de colonos, em 4 de setembro de 1781, a cerca de quinze quilômetros da missão **San Gabriel**.

¹ Cf. FLORES MEZA Luis Antonio. O trabalho de Frei Junípero de Serra nas Missões da Serra Gorda de Querétaro e da Alta Californiana entre os anos 1750 e 1784. 6 de setembro 2016. Em Grau zero prensa (um espaço para a difusão das ciências sociais e a filosofia)

Seguindo o seu lema, “sempre adiante nunca recuar”, Junipero Serra dirigiu a fundação de nove missões, entre 1769 e 1782: *São Carlos, São Antônio, Santa Clara, São Diego, São Gabriel, São Luís bispo, São Francisco de Assis, São Boaventura e São Juan Capistrano*. Os índios chamavam o padre Serra carinhosamente de “velho”, porque chegou na Califórnia aos 56 anos de idade. Quando o “Padre Bento”, como também era conhecido, morreu na missão de São Carlos, em 28 de agosto de 1784, quase seiscentos nativos cristãos compareceram ao seu funeral. Considerado como santo, muitos levavam pedaços de seu hábito.

Uma ação missionária colonizadora

Esta ação missionária não era sem barbáries. A Igreja pediu perdão pela crueldade e os abusos de líderes coloniais e até mesmo de alguns missionários, reconhecendo que o projeto colonial atrapalhou e, em alguns casos, destruiu formas de vida tradicionais.²

No caso de Junipero Serra, encontramos alguns mal-entendidos descontextualizados. Junipero Serra permitiu que fossem infligidas punições corporais aos indígenas que não respeitavam a lei. Podemos considerar hoje que esse comportamento não é muito evangélico, mas naquela época a sociedade aceitava castigos corporais em qualquer lugar do mundo, México, Europa, Estados Unidos, etc. Os próprios religiosos infligiram uma disciplina para expiar seus pecados.

Também não podemos esquecer que, depois de 1833, os missionários foram expulsos e, a partir de então, os índios viveram uma verdadeira tragédia. Muitos povos indígenas foram quase extintos por causa de epidemias, doenças contagiosas, para defender suas terras, etc.

² Cf. ANDREO, Bernardo Pérez. *Escritos de Fray Junipero Serra*. Publicaciones Instituto Teológico de Murcia OFM, Ed. Espigas, Murcia 2015

Durante o processo de canonização de Junípero Serra, um grupo de indígenas se opôs à santificação por causa da barbárie sofrida por seus antepassados. Sem dúvida, Frei Junípero Serra foi também um instrumento de colonização espanhola. Se, por um lado, os franciscanos obrigaram os nativos a serem batizados, que consideravam pagãos, por outro, os religiosos também levantaram suas vozes contra os abusos dos soldados espanhóis e apreciavam o valor das culturas nativas.³

III. A OPÇÃO FUNDAMENTAL PELOS POBRES:

“ELES ME ROUBARAM O CORAÇÃO”

Os pobres de ontem

Dos nativos, São Junípero disse uma vez que “*eles roubaram meu coração*”. Seu trabalho de evangelização sempre se desenvolveu nas comunidades mais pobres, tanto da Serra Gorda de Querétaro, onde trabalhou por 9 anos, destacando-se por suas habilidades como pregador, inteligência e ternura. Seu exemplo pode ser o motivo de esforços renovadores e iniciativas para educação, justiça e paz nessas regiões.

O testemunho de amor, serviço, educação e pobreza do novo santo é uma referência obrigatória que deve motivar mexicanos e norte-americanos a trabalhar mais pela promoção e atenção dos mais pobres. A canonização de Frei Junípero Serra é um evento que impacta a consciência, a história e a identidade de ambas as nações com base no testemunho cristão, e é um convite para caminhar com fé e alegria para encontrar, ajudar e consolar aqueles que sofrem.⁴

³ JAIME GONZALEZ, BBC Mundo, Los Angeles, 22 de septiembre 2015

⁴ IBÁÑEZ Oscar Fidencio, 2015, <www.yoinfluyo.com/columnistas/oscar.../128-12-el-caminar-de-fray-junipero-serra>. Septiembre 2015

Frei Junípero compreendeu que a vocação dele era ser missionário, que a devia aos povos que *não conhecem a Cristo*. Tentava atrair seus ouvintes aprendendo a falar com eles em sua própria língua. “Sua intuição é que nos nativos Deus habita, em seus lábios e em seus corações”. Convencido da abertura que tinham pelos valores religiosos, priorizou sua dedicação apostólica aos pobres, como ele próprio falou: “há competente número de cristãos que louvam a Deus, cujo Santo Nome está na boca dos mesmos gentios que na língua de muitos cristãos”.⁵

Frei Junípero conheceu os escritos e a experiência do missionário dominicano Bartolomeu de Las Casas na América Central. Como em Las Casas, São Junípero foi ousado e eloquente na luta contra as autoridades civis para defender a humanidade e os direitos dos povos indígenas. Nesse sentido, o memorando de 1773 ao vice-rei da Cidade do México é provavelmente a primeira “declaração de direitos humanos”, publicado na América do Norte, que propunha *“recomendações práticas detalhadas para melhorar o bem-estar e de material espiritual os povos indígenas da Califórnia”*.

“A canonização do padre Serra será um sinal importante nesta nova era de globalização e do encontro cultural”. Os missionários da primeira geração eram criativos e foram os primeiros aprendizes das culturas e povos indígenas que serviram. Eles aprenderam suas línguas, costumes, crenças e semearam as sementes do Evangelho para “criar uma rica civilização cristã, expressa em poemas e obras de teatro, em pinturas e esculturas, em canções, orações, devoções, na arquitetura, até mesmo em leis e políticas”.⁶

⁵ <http://espiritualidadfranciscana.org/2017/08/el-infatigable-misionero-de-la-california-fray-junipero-serra/> .

⁶ Cf. FLORES MEZA Luis Antonio, «O trabalho de Frei Junipero Serra nas missões da Serra Gorda de Querétaro e da Alta Californiana entre os anos 1750 e 1784». 6 de septiembre 2016. No grau zero prensa (um espaço para a difusão das ciências sociais e a filosofia)

Os pobres de hoje

A obra de São Junípero nos permite voltar em um dos acontecimentos de inculturação do Evangelho que melhor podem mostrar o caminho da verdade de uma fé que se faz carne na história dos homens que se propõe e expõe com a própria vida. Como Frei Bartolomeu de las Casas, Frei Junípero Serra foi levado por dois amores, o amor do Evangelho e o amor aos habitantes daquelas terras. Esses dois amores o fascinam.

Pensando nesta obra evangelizadora, o documento de Aparecida lembra de uma situação que continua a ser um desafio para nós missionários hoje:

“Os discípulos, que por essência são também missionários em virtude do Batismo e da Confirmação, são formados com um coração universal, aberto a todas as culturas e a todas as verdades, cultivando a capacidade de contato humano e de diálogo. Estamos dispostos com a coragem que nos dá o Espírito, a anunciar a Cristo onde não é aceito, com nossa vida, com nossa ação, com nossa profissão de fé e com sua Palavra. Os emigrantes são igualmente discípulos e missionários, e são chamados a ser uma nova semente de evangelização, a exemplo de tantos emigrantes e missionários que trouxeram a fé cristã a nossa América” (DAp 377).

O continente americano vive atualmente um dos dramas mundiais, uma tragédia humana que forma parte de um fenômeno global, o deslocamento de milhares de pessoas, homens, mulheres e crianças que deixam seus países, por tantos motivos. Esta problemática migratória passou a ser declarada como uma “crise humanitária”, cuja origem não é reconhecer o outro como meu próximo, o não respeitar seus direitos humanos e o não reconhecer sua dignidade como ser humano e como filhos de Deus. O cenário internacional de hoje em dia nos mostra que as políticas migratórias de vários países estão passando por uma crise xenofóbica, que promove o fechamento de fronteiras. “A realidade da migração nunca deve ser vista apenas como um problema, mas também e acima de tudo, como um grande recurso para o caminho da humanidade.” (*BENTO XVI Angelus, 14 de janeiro de 2007*).

Esta situação analisada analogamente não é muito diferente do que São Junípero viveu nas suas missões, numa época em que a colonização dos países europeus fixavam as leis independentemente dos direitos e da dignidade do povo. Entrando na história deste grande Santo: Ele não percorreu, uma das rotas de migração atuais, por onde passa a Besta? Não é a mesma rota de trem transpacífico que transporta milhares de migrantes a bordo cada ano, para a fronteira dos Estados Unidos, cheios de sonhos para obter uma vida melhor? Sim, exatamente, é o mesmo caminho. E nos perguntamos: quantos missionários se encontram hoje na rota que antigamente percorreu São Junípero Serra? Quem são hoje e onde estão os missionários que vivem o espírito do Bom Samaritano e são solidários com estes homens, mulheres e crianças que caem nas mãos de traficantes, policiais, assaltantes que os golpeiam, os despojam do pouco que levam, até muitas vezes, os privam de própria vida? Somos missionários em saída, que como o Bom Samaritano, como São Junípero, saem pelo caminho desses irmãos que sofrem, que vivem no exílio, para responder à sua pobreza e aos seus sofrimentos? Quem doa hoje a própria vida como São Junípero, para que seja respeitada a dignidade e os direitos humanos de cada um deles?

Diante dessa realidade Jesus continua a nos questionar como missionários de hoje que queremos fazer uma opção pelos pobres, mas por medo, covardia, falta de tempo, falta de ousadia ou zelo missionário seguimos fazendo discernimentos sem fim para continuar nos perguntando, quem é o meu próximo?

Também Papa Francisco em várias ocasiões nos lembra a opção fundamental pelo pobre e pelo sofredor:

“Basta percorrer as Escrituras para descobrir o como o Pai bom quer escutar o clamor dos pobres: ‘Eu vi a aflição de meu povo no Egito, ouvi o seu clamor dos seus opressores e conheço seus sofrimentos. Desci para o libertar [...] Agora, pois, eu vos envio ...’ (Ex 3,7-8.10) e se mostra solidário às suas necessidades, ‘Então os israelitas clamaram ao Senhor e Ele lhes mandou um libertador’ (Jc 3,15). Fazer ouvidos surdos a este clamor, quando nós somos os instrumentos de Deus para escutar ao pobre, nos

põe fora da vontade do Pai e de seu projeto, porque esse pobre 'clamar ao Senhor contra você e você levaria com um pecado' (Dt 15,9). E a falta de solidariedade nas suas necessidades afeta diretamente o nosso relacionamento com Deus: 'Se é amaldiçoado cheio de amargura, seu Criador escutará a sua imprecação' (Sir 4,6) (EG 187).

Por ocasião da visita do Papa Francisco ao Rio de Janeiro para a Jornada Mundial da Juventude (JM), Leonardo Boff escreveu: “Com um projeto de Igreja pobre e humilde, despojada de atributos de poder, que dialoga com o povo, o Papa se escreve na herança da teologia da libertação nascida da escuta do grito dos oprimidos”.⁷

Reação análoga de parte de Marcelo Barros, do monge beneditino, teólogo e biblista: “É possível ver nas palavras e gestos do Papa Francisco sinais de aprovação da teologia da libertação, [...]. O que é importante é ver que ele é sensível e atencioso aos problemas que esta teologia aponta e denuncia no mundo inteiro”.⁸

O Papa na encíclica *Laudato Si'* afirma:

“Gostaria de assinalar que muitas vezes falta uma consciência clara dos problemas que afetam particularmente os excluídos. Estes são a maioria do planeta, milhares de milhões de pessoas. Hoje são mencionados nos debates políticos e econômicos internacionais, mas com frequência parece que os seus problemas se colocam como um apêndice, como uma questão que se acrescenta quase por obrigação ou periféricamente, quando não são considerados meros danos colaterais (...). Mas, hoje, não podemos deixar de reconhecer que uma verdadeira abordagem ecológica sempre se torna uma abordagem social, que deve integrar a justiça nos debates sobre o meio ambiente, para ouvir tanto o clamor da terra como o clamor dos pobres” (LS 49).

⁷ BOFF, L. Pape Francois s'inscrit dans l'héritage de la Théologie de la libération, dans *Le Monde* 25.7.2013.

⁸ BARROS, M. E Temps de l'Évangile: le pape et la théologie de la libération, dans *Culture et foi*, décembre 2013.

Esta sensibilidade para com os pobres e os migrantes a encontramos nas orientações pastorais dos Pontifício Conselho para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes:

*“Ao longo de toda a história, a Igreja tem estado próxima dos povos em movimento de muito maneiras distintas. Através de vários projetos e serviços, foi lhes oferecida assistência direta, proporcionando-lhes alojamento, alimentação, assistência médica e programas de reconciliação, bem como diferentes formas de defesa de direitos. Através dessas intervenções, o objetivo da Igreja é oferecer aos refugiados, aos migrantes internos e as vítimas de tráfico uma oportunidade de recuperar sua dignidade humana, trabalhando de maneira produtiva e assumindo os direitos e deveres do país que os recebe, sem esquecer nunca alimentar sua vida espiritual”.*⁹

Iniciativas de apoio da Igreja mexicana a serviço dos migrantes

Atualmente estamos testemunhando a maior crise migratória mundial, fatores econômicos, instabilidade social e política influenciaram as tendências globais. Hoje, há mais de 40 milhões de pessoas deslocadas, enquanto o número de refugiados e requerentes de asilo ultrapassou os 24 milhões. As causas são: pobreza, guerrilha, tráfico de pessoas, perseguição, guerra ... Em 2015, 48% dos migrantes do mundo eram mulheres.

O México é um país de migrantes: origem, trânsito, destino e, cada vez mais, retorno da migração internacional. Atualmente, é a segunda nação com mais migrantes do mundo. 61 milhões de imigrantes residem nos Estados Unidos, 45,3 milhões são legais e 15,7 milhões são ilegais. Essas centenas de milhares de pessoas transitam cada ano através do México para chegar aos Estados Unidos. Na trajetória, os migrantes da América Central ou do

⁹ PONTIFICIO CONSEJO PARA LA PASTORAL DE LOS EMIGRANTES E ITINERANTES. Acoger a Cristo en los refugiados y en los desplazados forzosos. Orientaciones pastorales, p. 5, junio 2013.

México correm diferentes riscos: falta de água devido ao calor intenso, extorsão por parte de traficantes ou autoridades, agressões e assaltos, asfixia em veículo de transporte, falta de comida, quedas dos trens, atropelamento ou acidente, fadiga, cansaço, doença ou perda da estrada, entre outros. Neste trajeto com frequência têm sido vítimas de: discriminação, xenofobia, negação de serviços e recursos judiciais, abuso de autoridade.

Diante dessa situação, a Igreja do México pretende oferecer ajuda concreta e apoio mais próximo por meio de: centros de atendimento, abrigos, refeitórios, paróquias caritativas. Os esforços foram divididos em três regiões: a região norte do México com 31 centros de atendimento, a região central com 11 centros e a região sul com 24 centros.

Através desta rede de casas para migrantes, coordenadas por congregações de vida consagrada e caridade católica nos Estados Unidos, a Igreja oferece um serviço pastoral aos migrantes; da mesma maneira, uma presença constante é mantida nos campos de detenção, desde a fronteira sul até a fronteira norte, bem como no território dos Estados Unidos.

Essas casas foram capazes de estabelecer redes através das quais compartilham informações, treinamento e apoio mútuo em favor do migrante. Por outro lado, existe um trabalho inclusivo e exaustivo que atravessa fronteiras quando converge com organizações católicas, universidades e organizações internacionais nos Estados Unidos e no Canadá.¹⁰ As pessoas que colaboram nessas casas são em sua maioria voluntários, que dependem da comunidade paroquial ou dos fiéis que oferecem seu tempo e serviço.

Seria um sinal profético que mais missionários e voluntários estivessem envolvidos para ajudar esta população de irmãos que estão tão abandonados e que ainda são tão discriminados.

¹⁰ Cifras del Alto Comisionado de las Naciones Unidas para los refugiados (AC-NUR) y de las Encuestas de Migración en las Fronteras Norte y Sur (EMIF Norte y EMIF sur).

Uma vez que as pessoas que estão neste serviço são insuficientes, porque muitas vezes os abrigos ficam cheios com mais de 300 pessoas por dia.

A Igreja convoca toda a comunidade católica, estudantes, trabalhadores e empresários a promover ações concretas em benefício de todas essas pessoas que sofrem.¹

IV. HORIZONTES DA MISSÃO HOJE

“O Ser humano: lugar do encontro com Deus”

Por que Junipero é modelo missionário para o nosso tempo

Pouco depois da morte de São Junipero Serra, o Guardião do Colégio de São Fernando escreveu para o Provincial dos Franciscanos em Mallorca:

*“Morreu como um justo, sob tais circunstâncias que todos os que estavam presentes derramavam afetuosas lágrimas e penavam que sua alma bendita, imediatamente subiu ao céu para receber a recompensa do sua intensa e ininterrupta labor de 34 anos, sustentada por nosso amado Jesus, que ele sempre tinha em mente, sofrendo os inexplicáveis angustias para nossa redenção. Tão grande foi a caridade que manifestava, que causava admiração não só nas pessoas humildes mas, também nas pessoas de alta posição, proclamando todos que esse homem era um santo e suas obras de um apóstolo”.*²

São Junipero é e continuará sendo para todo cristão um modelo missionário. Quando ele saiu caminho para a Alta Califórnia, tinha quase 60 anos de idade. É realmente um exemplo que nos mostra que a missão está ao alcance de todos, também dos mais ricos em idade. O Papa Francisco, através da canonização de

¹¹ Cf. MIRANDA GUARDIOLA Alfonso Gerardo, Secretario General de la CEM y Obispo Auxiliar de Monterrey, en «Revista Ad Gentes», OMPE México, N. 588 Mayo-Junio 2017, p. 39

¹² Cf. VICEDO, S. Beato junipero Serra apóstol de Sierra Gorda y California 1713-1784, en Santoral Franciscano.

São Junípero, quer doar novamente o gosto da missão a todos os cristãos, sem importar a idade. Porque a Missão não é só para os jovens, pertence a todos.

São Junípero ficar na história dos nossos países como um exemplo de que o Papa quer doar para comunidades hispânicas em nossos países, para a América, onde os “Latinos” estão sempre mais presentes e onde o Santo é apresentado como um de nós, falando a mesma linguagem e que vem de um ambiente hispânico que foi misturado em nossas terras, para deixar seu sangue em nossos pisos. Um verdadeiro exemplo de inculturação do Evangelho. Um exemplo missionário não apenas de ontem, mas também de hoje e para sempre.

Um missionário que continua questionando o mundo de hoje através do coração do discípulo e missionário comprometido, que quer viver o Evangelho, defender os direitos e a dignidade de cada pessoa, simples e humilde, porque cada ser humano carrega dentro de si a marca indelével de ser Filho/a de Deus. Quanto vale o ser humano como tal, independentemente de raça, condição sociocultural ou econômica? Sabemos muito bem que as coisas são valorizadas pelo preço que se paga por cada uma delas. Neste sentido, os seres humanos foram redimidos (comprado) pelo próprio Jesus Cristo: Ele pagou com seu sangue para ser o seu único dono, para que ninguém o manipule ou pise.

Este fato nos diz que o ser humano é algo precioso e de valor incalculável para Deus; caso contrário, não teria sentido sua encarnação, sua paixão e sua ressurreição. Poderíamos dizer que o ser humano vale o sangue de Cristo; este é o seu verdadeiro valor, esta é a sua dignidade. É isso que nos faz ver a dignidade humana como o bem mais precioso que uma pessoa pode possuir. O ser humano não vale pelo que ele tem, mas pelo que ele é.

O mistério da encarnação nos torna conscientes de que o ser humano é a medida das coisas porque Deus se tornou humano e, precisamente por isso, o ser humano é aquele lugar de encontro com Deus. É por esta razão que quando um ser humano, onde quer que seja, não pode viver com dignidade, para nós cristãos

não é apenas um problema sócio-econômico-político, mas um problema de fé, porque não podemos acreditar na Encarnação Senhor sem exaltar o bem do ser humano em todas as suas dimensões. Nesse sentido, podemos concluir dizendo que os seres humanos têm uma dignidade sagrada a partir da qual as relações da convivência humana devem ser consideradas. De fato, o respeito pela dignidade humana da pessoa, para o cristão, constitui o critério fundamental na hora de julgar qualquer estrutura, sistema ou programa social. Este é o horizonte da nossa missão no mundo de hoje.¹³

PARA REFLETIR

1. Que aspectos da vida e missão de Junípero Serra devemos resgatar hoje?
2. Como avaliar nossas práticas realizadas “com boas intenções” sem uma análise mais profunda do contexto?
3. A figura de Junípero nos faz refletir também sobre o processo de colonização da América: como entender a ambiguidade da aliança entre a missão e os poderes políticos e coloniais?
4. Nós e os migrantes: como estamos nos comprometendo com a pastoral do migrante, se por onde moramos existem tantos irmãos e irmãs itinerantes? Isso também é nossa missão?

¹³ Cf. CRUZ REYES, Joel. Volver a la Biblia y al Evangelio. Revista Ad Gentes, OMPE México, N. 588 Mayo-Junio 2017, p. 15